

Redes sociais na internet: a imposição do diálogo e o horizonte da incomunicação nas organizações educacionais¹

Rosângela Florczak², Mestre em comunicação Social / PUCRS

Rede Marista

Resumo: As organizações educacionais, concebidas como espaços de educação formal e configuradas na modernidade a partir do modelo burocrático baseado na hierarquização e na autoridade instituída, enfrentam, com dificuldade, as mudanças impostas pelo tempo vivido. A comunicação com os principais sujeitos que protagonizam o processo educacional é uma das evidências de impasse. A organização desses sujeitos em redes sociais e a potencialização da expressão por meio das redes sociais na internet trazem à tona o confronto entre a necessidade de diálogo e o modelo comunicacional de transmissão unilateral que prevalece em escolas de educação básica e instituições de ensino superior. O horizonte da incomunicação (WOLTON, 2006, 2010) produz impactos que pressionam pela mudança nos parâmetros comunicacionais.

Palavras-chave: comunicação; incomunicação; educação; escolas; universidades

1. PARA INTRODUIR A DISCUSSÃO DO TEMA

Investigar o cotidiano de organizações complexas, centrando o foco nas relações entre os sujeitos que protagonizam, (des) ordenam o sistema e (re) inventam formas de coabitar é desafio que requer lentes especiais. Para observar realidades em movimento, no momento em que elas são vividas e tirar delas inferências que possam auxiliar na compreensão das transformações, um dos caminhos possíveis para o pesquisador é olhar o mundo a partir das lentes do pensamento complexo.

¹ Trabalho apresentado em mesa temática no V Congresso Brasileiro Científico de Comunicação organizacional e Relações Públicas – Abrapcorp 2011 – São Paulo-SP

² Mestre em comunicação social pela PUCRS e coordenadora de comunicação e marketing da Rede Marista. E-mail: roflorczak@gmail.com

No presente artigo, o método da complexidade proposto por Morin³ é que proporciona as bases para ousar enxergar nos fatos cotidianos ocorridos nas organizações educacionais, a emergência de novos parâmetros na comunicação e, por conseqüência, na convivência entre os sujeitos, que impactam fortemente sobre todo o sistema educacional.

Conseqüência de alguns anos de olhar cientificamente investigativo sobre os fenômenos da comunicação em escolas de educação básica e instituições de ensino superior, o acúmulo de reflexões aqui apresentado tem como base a pesquisa sobre a produção teórica das áreas em interlocução: *educação, comunicação e gestão* educacional. Somada a ela, a observação da realidade na qual o pesquisador está imerso. Entrevistas em profundidade e análise de registros do cotidiano completam os recursos que apóiam a busca por compreender e contribuir.

O recorte, que aqui é a parte em discussão no todo, é o horizonte da incomunicação (WOLTON, 2006, 2010) que vem marcando as relações entre estudantes - professores - gestores educacionais – famílias, no espaço destas organizações. Compreendida como sintoma de impasse nas negociações da convivência que afetam diretamente as relações de confiança e a coabitação, a incomunicação torna-se hoje mais evidente, uma vez que os sujeitos encontram formas de assumir a palavra, impondo o diálogo, favorecidos pelos novos meios como as redes sociais na internet.

A necessidade de diálogo dos interlocutores enfrenta, nas organizações educacionais, o modelo de comunicação baseado na transmissão, que ainda prevalece. Está colocado o problema. Cabe, então, investigar, à luz de episódios recentes, da construção dos teóricos e da observação cotidiana: qual o impacto deste impasse sobre o modo de comunicar de escolas e instituições de ensino superior?

2. ORGANIZAÇÕES EDUCACIONAIS, COMUNICAÇÃO E INCOMUNICAÇÃO

Concebida e configurada na modernidade, baseada no modelo burocrático que se estabelece a partir do poder da autoridade estabelecida e sobre a rigorosa divisão de tarefas e funções, a organização educacional encontra dificuldade de reinventar-se no cenário contemporâneo. Apesar da reflexão instalada e do desconforto evidente há dificuldade na transformação. Para Morin (2003), o impasse está em que não se pode reformar a instituição sem uma prévia reforma das mentes, mas não

³ A partir da lente do Paradigma da Complexidade proposto por Edgar Morin, Martinazzo (2004, p.22) afirma que "o conhecimento é sempre algo aberto, em construção e recorrente, sem nunca permitir uma leitura completa que possa esgotar a totalidade do real complexo. É da natureza do conhecimento, portanto, ser fugaz e inconcluso". A inconclusão está diretamente ligada às incertezas que caracterizam relações, processos e sistemas complexos, como a comunicação e a educação. Morin (2000, p.16) alerta: "É preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a um arquipélago de certeza".

se pode reformar as mentes sem uma prévia reforma das instituições. Para ele, essa impossibilidade lógica produz o bloqueio.

A imensa máquina da educação é rígida, inflexível, fechada e burocratizada. Muitos professores estão instalados em seus hábitos e autonomias disciplinares. Estes, como dizia Curien, são como os lobos que urinam para marcar seu território e mordem os que nele penetram. Há uma resistência obtusa, inclusive entre os espíritos refinados. Para eles, o desafio é invisível. (MORIN, 2003, p.99).

Hutmacher (1982) destaca que na gênese da organização escolar encontra-se o surgimento da ordem racionalizadora de controle. Ele sustenta que a organização da atividade surgiu claramente sob o modelo de organização burocrática com a nítida noção de autoridade e da regulamentação das atividades de professores e alunos. Hutmacher alerta: “[...] a história da escola revela uma tensão estrutural permanente entre a vontade de controle racionalizador das práticas de ensino e o caráter relativamente incerto e imprevisível dos acontecimentos educativos” (HUTMACHER, 1992, p.61). Apesar disso, o modelo burocrático prevaleceu e ainda marca, fortemente, a cultura de organizações como escolas e universidades.

Diversos movimentos se impõem entre os desafios enfrentados pela organização educacional contemporânea. Especialmente nas dimensões políticas e culturais, o confronto com as características da *Sociedade da Informação-comunicação-conhecimento* evidenciam as limitações do modelo baseado na autoridade e na fragmentação. Mais do que socializar e reproduzir modelos socialmente hegemônicos, em um tempo marcado pela superação de verdades, a organização educacional é desafiada a ampliar seu lugar. Para Morin (2003), no cenário complexo da era planetária as cinco finalidades educativas que desenvolvem aptidões estão ligadas entre si e se retroalimentam. São elas: organizar o conhecimento, ensinar a condição humana, a aprendizagem do viver, a aprendizagem da incerteza e a educação cidadã.

O conflito é inevitável. Enquanto abriga o dilema da urgência em mudar e da dificuldade em realizar os movimentos necessários para superar o modelo fundacional, escolas e instituições de ensino superior enfrentam as exigências de uma sociedade que não mais aceita estruturas excessivamente hierarquizadas e autoritárias na qual é coibida a expressão. “A apropriação da palavra que se produziu há mais de meio século, é irreversível” (WOLTON, 2006, p. 101). É na sociedade aberta, característica da configuração contemporânea do social, que se ampliam os espaços da comunicação fazendo com que haja avanços também no sentido de promover religações e contextualizações.

A dificuldade em lidar com o diálogo e com a abertura reflete um contexto mais amplo e desafiador vivido no cenário das organizações educacionais:

“[...] enfrentam uma realidade educativa imersa em perplexidades, incertezas, pressões sociais e econômicas, relativismo moral, dissoluções de crenças e utopias” (LIBÂNEO, 2005, p.20).

Nas iniciativas consistentes de mudança e na viabilidade de projetos e experiências pedagógicas inovadoras, o conhecimento e a práxis do universo da gestão, advindo das ciências administrativas, encontram, complementarmente, o conhecimento de educação. Nóvoa (1982) argumenta que é preciso tratar a instituição de educação como organização e, portanto, incluí-la no universo da gestão para evitar que a inovação pedagógica seja destruída por argumentos burocráticos e permitir que os educadores participem e protagonizem as dinâmicas da mudança.

Na abordagem que visualiza o espaço de aprendizagem formal como uma organização, Nóvoa (*Ibiden*) vai além e aponta a necessidade de incluir novos saberes, além do pedagógico. É neste espaço que percebemos a oportunidade para que o saber das ciências da comunicação e, mais especificamente, o saber da comunicação organizacional sejam incluídos como possibilidade de efetiva contribuição, como área de conhecimento que integra a gestão educacional. A comunicação poderá contribuir para o que Nóvoa sugere como sendo uma das necessidades prementes da organização educacional: desenvolver outros modos de pensar e fazer o cotidiano.

3. REDES SOCIAIS E REDES SOCIAIS NA INTERNET

Enquanto a organização educacional resiste às mudanças necessárias, os sujeitos que fazem parte de seu cotidiano passam a organizar-se e, conseqüentemente, a comunicar-se em novos formatos. Ganha espaço um tema recorrente das pesquisas sociológicas: as redes sociais, que assumem notoriedade em diversos campos do conhecimento neste início de século 21, especialmente nas pesquisas que buscam compreender a complexidade da vida social. Aqui recortamos algumas abordagens teóricas que tratam das redes, especialmente aquelas que as percebem como recursos decisivos de mobilização na atuação que promove o avanço e a descentralização (MARTINS, 2004).

É na ação das redes que os movimentos sociais tem se reorganizado no cenário contemporâneo. Melucci (1994) afirma que são as redes e não mais de atores individuais as estratégias dos movimentos. Essas redes são formadas por pequenos grupos imersos no cotidiano da vida que contribuem para formar e fortalecer as redes sociais, a partir de interesses compartilhados.

Citada por Recuero, Watts define que uma rede social é constituída de nós (indivíduos) conectados por laços sociais (WATTS, 2003, p.75 apud RECUERO, 2004). O que mantém a rede em funcionamento é a interação, tanto no mundo concreto como no virtual, entre os nós.

“[...] Em uma rede social, as pessoas são os nós e as arestas são constituídas pelos laços gerados através da interação social” (RECUERO, 2004, p.3).

É importante visualizar as redes como relações entre sujeitos que se aproximam por interesses em comum ou afinidades e que atuam coletivamente em causas que lhes são próprias, em defesa de outros sujeitos ou situações e até em nome de organizações. Aguiar (2007) afirma que são métodos de interação que sempre visam algum tipo de mudança concreta na vida das pessoas, no coletivo e/ou nas organizações participantes. Mesmo com essa possibilidade apontada por Aguiar, não se pode esquecer que as redes sociais são instâncias do âmbito informal. “Nas redes sociais há valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas” (MARTELETO, 2001, p.72).

É importante destacar ainda que as redes sociais obedecem tempos e espaços característicos da contemporaneidade, ou seja, podem ter curta ou longa duração, existir no espaço concreto ou apenas no virtual assumem lugar na interlocução entre os sujeitos e a organização educacional.

Diferentemente de ‘relações’, ‘parentescos’, ‘parcerias’ e noções similares – que ressaltam o engajamento mútuo ao mesmo tempo em que silenciosamente excluem ou omitem o seu oposto, a falta de compromisso –, uma ‘rede’ serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades. Na rede, elas são escolhas igualmente legítimas, gozam do mesmo status e têm importância idêntica. Não faz sentido perguntar qual dessas atividades complementares constitui ‘sua essência’! A palavra ‘rede’ sugere momentos nos quais ‘se está em contato’ intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento ‘indesejável, mas impossível de romper’ é o que torna ‘relacionar-se’ a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma ‘conexão indesejável’ é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las. (BAUMAN, 2004, p.12)

Mesmo nascendo nas esferas informais, o efeito das redes pode ser percebido fora de seus espaços nas relações com instituições. Potencializada pelos recursos tecnológicos, a organização de redes sociais se viu fortalecida com as possibilidades de comunicação mediadas por computador. Surgem, então, as redes sociais na internet. Topologias diversas e arquiteturas que vêm sendo estudadas com profundidade por teóricos de diversas áreas do conhecimento, essa modalidade de rede social ganha relevância nas relações comunicacionais dos sujeitos com as instituições.

Sem buscar o aprofundamento da topologia das várias redes, este artigo destaca, brevemente, a definição de Recuero (2004) para as redes de filiação ou redes associativas na internet. A pesquisadora define como aquelas cujas conexões são forjadas por mecanismos de associação ou de filiação dos sites de redes sociais. É o caso, por exemplo, das listas de amigos no *orkut*⁴ ou da lista de pessoas que alguém segue no *twitter*⁵. Esses espaços vêm ganhando um lugar no cotidiano das relações. Entre os sujeitos que integram as organizações educacionais, não é diferente. As redes sociais informais configuradas no espaço concreto, como aquelas que são compostas por grupos de estudantes com interesses em comum migram e se fortalecem com a interação virtual. Sites de redes sociais são espaços utilizados para a expressão da rede social na internet (RECUERO, 2009).

Ao observar a realidade, alguns casos chamam atenção pela materialização destas abordagens teóricas na ação cotidiana. Dois episódios recentes ocorridos em escolas privadas de educação básica foram analisados. Um deles ocorrido em uma escola⁶ de grande porte na capital paulistana e outro em colégio⁷ de médio porte em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. O primeiro ganhou repercussão nos meios de comunicação tradicionais de todo o Brasil e o segundo com repercussão local. Ambos, porém, mobilizaram comunidades inteiras, extrapolando os espaços virtuais, em torno das ações propostas por grupos de estudantes nas redes sociais na internet.

Ambos os episódios envolvem a comunicação dos estudantes com a escola. Para protestar, no primeiro caso e para confraternizar, no segundo, os grupos se organizaram presencialmente, porém, contaram com a força das redes sociais na internet para potencializar a adesão e a repercussão dos seus atos. Nos dois casos, a ação dos alunos foi desencadeada pelo não envolvimento dos mesmos em

⁴ Rede Social bastante popular no Brasil, criada por Orkut Buyukkokten, quando aluno da Universidade de Stanford e empregado do Google. Permite a criação de perfis de usuários individuais e de comunidades. www.orkut.com.

⁵ É um site que funciona como microblog. A partir da criação de um perfil, o usuário pode seguir pessoas e ser seguido. O conteúdo compartilhado tem, no máximo, 140 caracteres. Foi criado por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Willians. www.twitter.com.

⁶ As redes sociais foram o meio de mobilizar estudantes para uma revolta contra o aumento do preço do Pão de queijo, na cantina da escola. Por meio do Twitter, um grande grupo de alunos combinou boicote a compra de lanches e um momento de protesto no intervalo do recreio. O episódio ganhou repercussão nacional, sendo notícia no Jornal Nacional, da Rede Globo.

⁷ Terceiranistas, em vésperas de concluir o período de escola combinaram presencialmente e por meio do Orkut, uma guerra de bexigas (bolas de plástico cheias de água), em frente à escola, descumprindo assim, regras acordadas com a direção da mesma. Além da eficácia da mobilização, que chamou atenção da cidade na qual a escola está situada, diversos estudantes utilizaram seus telefones móveis para produzir pequenos vídeos que foram, no mesmo dia, compartilhados na rede social You Tube (www.youtube.com) e distribuídos por meio de outras redes como Orkut, Twitter e Facebook (fb.com)

decisões que impactavam no seu cotidiano. Desafiando a estrutura hierárquica e os determinismos institucionais, a rede social de estudantes garantiu a expressão e forçou o diálogo.

Aqui importa ressaltar o aspecto da imposição do diálogo. Por meio das redes sociais e potencializados pelas redes sociais na internet, os interlocutores das organizações educacionais, em especial os estudantes, exigem a palavra e impõe um novo lugar de fala.

4. CHOQUE DE MODELOS E ABERTURA DE POSSIBILIDADES

A expressão potencializada pelas redes sociais na internet, a oportunidade de falar e de ter audiência e a condição favorável para mobilizar que caracterizam a sociedade aberta e fortalecem a participação de sujeitos configurados em redes sociais entra em choque com o modelo comunicacional de transmissão que ainda predomina nas organizações educacionais. A exigência do diálogo tem impacto forte no modelo de comunicação predominante nas organizações educacionais.

Seja na sala de aula onde se dá a relação de aprendizagem mediada pelo professor, no relacionamento entre família e escola ou nos espaços de gestão pedagógica e administrativa, a incomunicação ameaça prevalecer. A exigência do diálogo entre iguais assusta e confunde a escola e a instituição de ensino superior, diante de interlocutores que se apropriaram da palavra, apropriação essa que é irreversível (WOLTON, 2006).

É preciso compreender que, nas organizações educacionais, e para dar conta de um processo de aprendizagem e de formação de sujeitos, da busca pelo desenvolvimento de pessoas e de suas identidades, é de grande relevância trabalhar o tema da comunicação humana, ou seja, normativa, ou ainda relacional. Na complexidade do tempo vivido, é preciso extrapolar a mera transmissão de informações e nos situarmos no tenso espaço da confiança, do vínculo e das relações. “Informar, expressar-se e transmitir não são mais suficientes para criar uma comunicação” (WOLTON, 2006, p.31).

É de Lück (2006), a afirmação de que a interlocução e o diálogo assumem grande relevância na gestão educacional, pois a participação é uma exigência vinculada à interação entre as dimensões política e pedagógica na condução dos destinos e das ações das organizações educacionais. O que nos remete diretamente à comunicação. Freitas (2004) reforça que a comunicação é apontada como poder para facilitar a cooperação, a credibilidade e o comprometimento com valores, portanto, para a criação de um universo comum compartilhado, espaço no qual o entendimento poderá prevalecer diante dos riscos da incomunicação.

Para que a comunicação aconteça, embora se saiba que no horizonte das relações organizacionais, é permanente a presença do risco da incomunicação, parte-se da questão central que é o outro. O outro que aqui assume o lugar de interlocutor. E como afirma Wolton (2010), é aí que tudo se complica.

Ontem, a comunicação era hierárquica, quase sempre limitada à transmissão, sem possibilidade de discussão de parte do receptor/ator. Hoje, quase todo mundo está em pé de igualdade, negocia e responde. [...] O reconhecimento do estatuto do receptor perturba tudo, pois legitima a questão da alteridade (WOLTON, 2010, p. 59)

Tendo como pressuposto um contexto democrático, Lück (2006, p.36) defende que a gestão da escola implica na participação responsável de todos os membros da sociedade civil e da comunidade escolar em vários âmbitos das decisões necessárias e da sua efetivação. A autora afirma que a exigência de participação na tomada de decisões está vinculada à interação entre as dimensões política e pedagógica na condução dos destinos e das ações das organizações educacionais.

O modelo que ainda permeia o universo simbólico dos sujeitos das organizações educacionais torna raras as ocasiões em que há igualdade e reciprocidade entre os interlocutores na comunicação de escolas, universidades e sistemas de ensino. A organização educacional, ainda no lugar da autoridade, transmite informações aos estudantes, familiares e comunidade, o professor, também assumindo a condição de autoridade, transmite mensagens aos estudantes, e assim sucessivamente. Dessa forma, a convivência ou coabitação entre diferentes interesses é comprometida. Para Wolton (2010), a coabitação é um paradigma do século XXI e é indissociável de três realidades: “[...] a democracia, a abertura e a interação (*Ibidem*, p. 60).

Compreende-se assim que é preciso assumir a incomunicação como realidade presente e risco constante nas organizações educacionais e nas relações entre os sujeitos que protagonizam o processo e o entorno das situações de aprendizagem. É a partir da tomada de consciência dos riscos que estabelecemos estratégias para poder avançar e descortinar as possibilidades de comunicação, muito além daquelas que estão presentes na dimensão instrumental. Ou seja, a transmissão de mensagens, de informações a partir de um lugar de autoridade direcionadas a públicos de interesses hegemônicos não representa o comunicar de uma organização educacional. Transcender e incluir novas dimensões possíveis no processo de convivência / coabitação assume o caráter de condição imprescindível para evitar que a incomunicação prevaleça.

5. CONTRIBUIÇÕES, LIMITADAS E TEMPORÁRIAS, SOBRE UM TEMA EM MOVIMENTO

A comunicação vem sendo assumida como uma nova área técnica nas organizações educacionais em pleno momento de desconforto e de mudança de modelos e, talvez até, mudança de paradigmas. Oficialmente, já ocupa espaços junto ao poder de decisão, mas ainda não está plenamente compreendida, portanto, não incluída com seu potencial de intervenção e transversalidade. A emergência da organização dos sujeitos em redes sociais, que surgem como um novo instrumento face aos determinismos institucionais (MARTELETO, 2001) evidencia o esgotamento do modelo, a presença da incomunicação e aponta para a necessidade premente de ampliar o espaço comunicacional em escolas e instituições de ensino superior.

De maneira geral, prevalece, ainda, nas organizações o viés utilitarista e instrumental (SCROFERNEKER, 2006) da comunicação, característico da teoria moderna ou empírica, o qual tem seus objetivos voltados para a medição e controle. Pesquisa⁸ realizada no Rio Grande do Sul, em 2008, junto às organizações educacionais privadas aponta que se incluiu apenas uma das possibilidades de comunicação: a instrumental baseada na transmissão unilateral de mensagens. Essa possibilidade que, por sinal, está em sintonia com o modelo burocrático de organização, alicerçado na hierarquia, na centralização e na definição clara de funções e atribuições.

Situada na instância de gestão, a comunicação como ciência / saber encontra lugar e sentido na gestão da organização educacional. É fundamental, contudo, que a comunicação transcenda o modelo instrumental, de transmissão. Supere, porém, incorporando-o, ou seja, assuma seu caráter multidimensional. Para que isso aconteça, é preciso admitir que no espaço relacional o lugar da comunicação é transversal, ou seja, perpassa, impregna e se deixa impregnar pela contextualização dos conceitos observando os diferentes e múltiplos vieses na apreensão da complexidade dos fenômenos e dos objetos observados (MARTINAZZO, 2004).

A comunicação conquistará um novo lugar no contexto organizacional se for compreendida, também, pela possibilidade relacional. Em relação dialógica com a gestão educacional, poderá contribuir na produção de sentido dos novos elementos que se incorporam ao universo educacional, no estabelecimento e na manutenção do diálogo imprescindível entre os interlocutores internos (pedagógico, administrativo), assim como nas negociações com os interlocutores finais (estudantes, familiares e comunidade / sociedade), buscando ampliar a negociação da convivência por meio do

⁸ Ver desenvolvimento do tema na dissertação de mestrado desenvolvida pela autora do presente artigo, sob o título Dimensões Complexas da Comunicação na gestão das organizações educacionais. Encontra-se a íntegra do texto em: http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/7/TDE-2009-05-08T102557Z-1896/Publico/411997.pdf

diálogo, do compartilhamento de conhecimento e de vivências que poderão produzir o saber específico para cada organização educacional e promover a coabitação das diferenças de interesses.

A importância da abertura e do diálogo, portanto da comunicação, na dimensão relacional em uma organização educacional, é reafirmada por autores de diferentes áreas do conhecimento. Pelas Ciências da Educação, com ênfase no estudo da Gestão Educacional, Lück (2006) coloca a participação, a interlocução, como pressupostos do comprometimento e do envolvimento de professores, funcionários, gestores, alunos, pais, comunidades na busca de promover experiências educacionais significativas em termos de aprendizagem. Já pelas Ciências da Comunicação, Wolton (2006, 2010) quando apresenta um novo modelo de comunicação baseado na convivência das diferenças.

A necessidade de configurar-se para os desafios contemporâneos requer avanços urgentes, entre eles, aqueles que visualizem e minimizem os riscos da incomunicação entre os sujeitos da organização educacional. Além de mediar a convivência, a comunicação relacional apresenta um ganho recursivo que permite a participação ampliada de professores, estudantes, gestores, famílias e comunidade, participação essa que se impõe diante das dimensões múltiplas dos desafios:

[...] a realidade é dinâmica e que os desafios e dificuldades experimentados no processo educacional são globais e abrangentes, demandando ação compreensiva, perspicaz e criativa pelo empenho de pessoas organizadas em torno de um projeto comum (LÜCK, 2006, p. 25).

Sendo o processo de comunicar cada vez menos o de transmitir e cada vez mais o de negociar e conviver (WOLTON, 2010), fica claro que é preciso superar o modelo unidimensional da comunicação nas organizações educacionais e incluir a dimensão relacional no sistema que integra, como parte, o todo da gestão da escola, da universidade, do sistema de ensino.

O outro, que no processo comunicacional assume o papel de interlocutor, e nas organizações educacionais é o aluno que interage com o professor, o professor que interage com o gestor (coordenador pedagógico, diretor, entre outros), o professor que interage com a família do aluno ou, ainda, a liderança comunitária que interage com o gestor da escola, tem interesses distintos de quem emite a mensagem e assumiu o mesmo poder de emitir que antes era reservado a quem ocupasse um lugar de poder na estrutura hierárquica. Wolton (2010) afirma que é preciso aceitar a identidade e organizar a convivência das diferenças num espaço mais amplo. “Administrar a alteridade implica de resto direitos e deveres recíprocos ou, então, o modelo de convivência desaba” (WOLTON, 2010, p. 65).

Fica então, mais claro, que para bem gerenciar a incomunicação presente, é preciso incluir a dimensão relacional nos sistemas de comunicação das organizações educacionais, compreendendo que é necessário ter como pressuposto a sociedade aberta, na qual a troca de mensagens se dá entre interlocutores com o mesmo direito à palavra. O lugar de autoridade da escola, da universidade, do sistema de ensino deve ser (re) legitimado sobre pressupostos do tempo vivido: o respeito às identidades e a organização da convivência entre as diferenças.

Recuperando Wolton (2010), na sociedade aberta, a palavra tem grande valor. E uma vez que o sujeito assuma o seu lugar de fala na interlocução, não mais abrirá mão de manifestar-se. Os movimentos organizados em redes sociais na internet envolvendo estudantes apontam para o inadiável reconhecimento por parte das organizações educacionais de que a forma de conviver / coabitar / comunicar precisa transcender o modelo burocrático de transmissão. Como afirma Marteleto: “Indivíduos dotados de recursos e capacidades propositivas, organizam suas ações nos próprios espaços políticos em função de socializações e mobilizações suscitadas pelo próprio desenvolvimento das redes” (MARTELETO, 2001, p. 72)

Assumindo que vivemos em um espaço-tempo complexo caracterizado por uma realidade vital mutante, marcado pelas incertezas, pelo fim das verdades absolutas e verdadeiras mudanças paradigmáticas, entendemos que o tema proposto para o presente artigo não se esgota, nem sequer proporciona o conforto das conclusões definitivas. Tecemos aqui, alguns comentários com a intenção de síntese. A relação educação / organização educacional e comunicação é, por demais, recente e requer uma longa trajetória de estudos, pesquisas e produção científica para que possa ser descortinada em suas mais variadas dimensões.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, S. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. . In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 30. 2007. Santos. Anais. São Paulo: Intercom, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HUTMACHER, W. A escola em todos os seus estados: das políticas de sistemas às estratégias de estabelecimento. In A. Nóvoa, *As Organizações Escolares em Análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

LIBÂNEO, J. C.; SANTOS, A. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo. In: *Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade*. Campinas, SP: Alínea, 2005.

LÜCK, H. *Gestão educacional: uma questão paradigmática*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MARTELETO, R.M. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. In: *Revista Ciências da Informação*, vol. 30, n. 1, jan-abril 2001. Brasília: 2001.

MARTINAZZO, C. J. *A utopia de Edgar Morin: da complexidade à concidadania planetária*. Ijuí: Unijuí, 2004, 2 ed.

MARTINS, P. H. As redes sociais, o sistema da dádiva e o paradoxo sociológico. In: Martins, P. H.; Fontes, B. (orgs.). *Redes sociais e saúde: novas possibilidades teóricas*. Recife: Ed. Univ. da UFPE, 2004.

MELUCCI, A . Movimentos sociais, inovação cultural e o papel do conhecimento. In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, 1994.

MORIN, E. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F. M. e SILVA, J. M. da. Para navegar no século XXI: *tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 1991.

_____, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

_____, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana*. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela; São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

NÓVOA, A. (Coord.). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Instituto de Inovação Educacional, 1982.

RECUERO, R. C. Teoria das redes e as redes sociais na internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 27. 2004. Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom, 2004.

_____, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009

SCROFERNEKER, C. M. A. Trajetórias teórico-conceituais da Comunicação Organizacional. In *Revista Famecos - mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre: dezembro 2006.

WOLTON, D. *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Paulus, 2006.

_____, D. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.